

## Pressa para crescer

Rogério L. Furquim Werneck\*

A longa entrevista de Lula à revista *The Economist* (disponível sem restrição de acesso em [www.economist.com/lula](http://www.economist.com/lula)) tem dado o que falar. Entre elogios e críticas, a mídia deu destaque à má repercussão da frase em que o presidente teria afirmado que o País não tem pressa para crescer. Seria surpreendente se um político calejado e esperto como Lula tivesse dito tal coisa. E, de fato, uma leitura atenta da entrevista mostra que o que foi transcrito não foi bem isso. Uma tradução fiel do trecho relevante seria a seguinte. “No Brasil não estamos com pressa para fazer a economia dar um salto de crescimento imediato. Queríamos primeiro consolidar uma base macroeconômica que permitisse ao Brasil um ciclo de crescimento de 10 ou 15 anos de duração. O que os economistas chamam de crescimento sustentado.”

É difícil depreender dessa afirmação que Lula, de fato, ache que o País não tem pressa para crescer. De qualquer forma, a celeuma chama a atenção para um tema fadado a ter grande importância na campanha eleitoral dos próximos meses.

É mais do que natural que, ao fim de um quarto de século de expansão econômica medíocre e de um longo e custoso esforço de estabilização, a retomada do crescimento econômico em base sustentada se tenha transformado na grande questão nacional a ser tratada na eleição presidencial. A impaciência, que já seria grande, vai-se tornando ainda maior à medida que o fraco dinamismo da economia brasileira vai sendo contrastado com a prolongada prosperidade da economia mundial, a reboque da expansão acelerada da China e da Índia. A dúvida é se, na campanha eleitoral, a questão do crescimento poderá ser debatida com o realismo que ela exige, ou se a discussão acabará resvalando em propostas inconseqüentes e em demagogia.

Nestes tempos de glorificação dos feitos juscelinistas, parece ter voltado a ganhar força a visão de que crescimento econômico é, mais do que tudo, uma questão de determinação e vontade. Dissemina-se de novo a idéia de que estadista é quem sabe transgredir todos os limites do possível para alcançar os objetivos a que se propõe. Sem se importar, claro, com a conta que deixa para o futuro. Os sinais de fascínio dos tucanos com a retórica juscelinista são preocupantes. O desafio relevante não é crescer 50 anos em 5, mas crescer 5 em 5, a cada 5. É nisso que consiste o processo de crescimento sustentado. E nele os limites do possível são fundamentais. Mesmo que possam ser relaxados, ao longo do tempo, por meio de políticas adequadas.

Mas há também razões para preocupação com a maneira como as hostes petistas vêm tratando a questão do crescimento. Nessa matéria, ao que parece, a cúpula do partido –

a exemplo dos Bourbons – nada aprendeu e nada esqueceu. Nem mesmo percebeu que o que Lula tem a exhibir nesse final de mandato, além do Bolsa-Família, é tão-somente o resultado da sua política macroeconômica, que foi mantida a duras penas, sob incessante e cerrado fogo amigo do partido.

Muitos dos próceres petistas continuam mobilizados com a idéia de chutar o pau da barraca da política macroeconômica. Querem por que querem que o governo prometa para o segundo mandato, caso seja reeleito, um programa que renegue o que foi feito no primeiro. Estão cada vez mais convencidos de que a chave do crescimento é mais gasto público e menos superávit primário. Por enquanto, as investidas para assegurar essa guinada na política econômica ainda em 2006 vêm sendo contidas pelo ministro da Fazenda. Mas trata-se de uma linha de defesa que não conta com reservas. Não há quem possa substituir Antonio Palocci nesse embate.

É pouco provável que, no calor da controvérsia sobre o que de fato está ocorrendo com o nível de atividade neste início de ano, a esquerda da coalizão governista vá reduzir suas pressões sobre o governo. Muito pelo contrário. Já a oposição pode ficar ainda mais tentada a levar o debate na base das frases de efeito, sem um discurso mais estruturado e conseqüente sobre a questão do crescimento. A esta altura, não será surpreendente se o País marchar para as eleições sem que esse tema seja tratado com um mínimo de seriedade na campanha.

O certo, contudo, é que vai ser preciso bem mais do que pressa para que o desafio do crescimento possa ser enfrentado com sucesso.

---

\* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.